



O Gaiato



4560 PENAFIEL
TAXA PAGA

Quinzenário • 13 de Novembro de 1993 • Ano L - N.º 1296 - Preço 30\$00 (IVA incluído)

Propriedade da Obra da Rua

Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo

O NOSSO JORNAL

Campanha de Assinaturas

PASSADAS as férias grandes, voltámos à Campanha no Porto-cidade, como estava previsto.

De Janeiro a Junho, aproveitando os domingos possíveis, estivemos nas comunidades que se reúnem para celebrar o Dia do Senhor, desde a beira-mar até Cedofeita. Foram 2250 novos Assinantes que, se forem fiéis ao apelo feito, pela leitura do Jornal participam nas vidas que se cruzam na Obra da Rua e entram assim naquela falange incontável de conviventes a que chamamos a *Família de fora*. Gente de extra-muros que, pela sua maturidade, naturalmente se sintoniza mais com o espírito de fraternidade universal que Pai Américo nos legou, do que os de intra-muros, ora na infância e na juventude — e se constitue uma rectaguarda de apoio que é, para nós, uma grande força. Força como que vinda de um núcleo de altas pressões, que preenche e compensa o efeito depressivo do dia-a-

-dia de lutas e de contradições. Pai Américo tem textos lindos a este respeito; como este: *«A nossa Obra oferece muitas e grandes deficiências. Os casos tristes são meus. São totalmente meus. São degraus silenciosos e dolorosos por onde se sobe às culminâncias. Não há outro caminho nem outra maneira de subir... Que ninguém se engane!»*

Mas também temos, agora e logo, boas notícias para dar. São os teus degraus. Para que tu possas saborear estes, tenho eu de amargar outros que se não publicam».

O apoio da grande rectaguarda

ESTE apoio da grande rectaguarda não se cinge, pois — como imediata e geralmente se pensa — ao económico. Mas também neste o poder mobilizador d'O GAIATO é um potencial admirável sempre pronto para a acção.

Um episódio ainda muito recente: Aquela viúva que foi professora e teve de

deixar o ensino por incapacidade do aparelho fonador e agora, na velhice, com uma pensão de miséria e o gravame de doenças suas e do marido e do funeral deste, se viu perdida e veio mendigar uma mão que a levantasse. De imediato a mão lhe foi prestada. Mas a ferida que este encontro me fez, comunicada pelo jornal, alastrou a tantos, que eu tenho de dizer aqui que, por ora, basta, pois a Senhora está remediada para muito tempo. Para além dos números desta correspondência, vale a riqueza das mensagens, sobretudo de viúvas e de professoras, nomeadamente reformadas, e até duas presenças de emigrantes nossos na Alemanha. Eu deixo aqui, três ou quatro, por amostra,

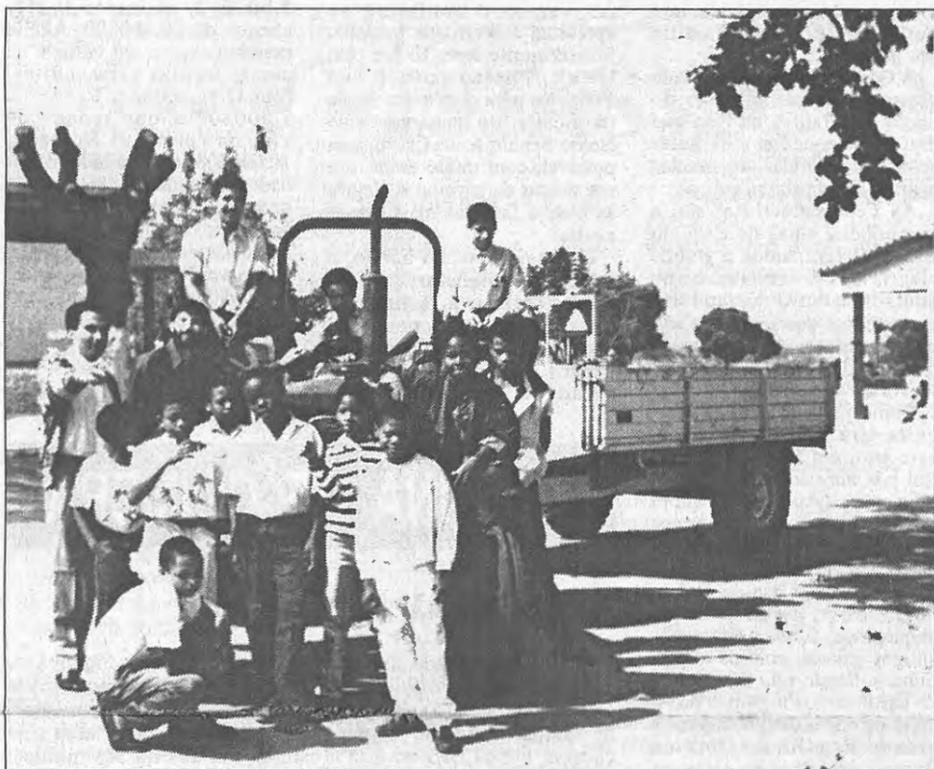
Continua na página 4

ÁFRICA

DIA de Finados, hoje. Há trinta anos, dois pequenos grupos — um padre, um casal e dez rapazes cada — partiram no «Rita Maria» a caminho de Malanje e de Benguela. Foi o princípio da Obra da Rua em África.

Dois anos antes começara a chamada guerra colonial. Aos prudentes do mundo não parecia a hora conveniente para a nossa ida. Várias vozes amigas se levantaram em conselho (tal como agora, em nosso regresso). Fomos, todavia, e pudemos participar da gesta da «redescoberta» de Angola que foram aqueles anos em que os níveis de progresso se cifraram aos mais altos níveis da África Austral e a estabilidade social crescia a olhos vistos. Nós

Continua na página 3



MALANJE dia-a-dia

17/10/93

Não há dia nos musseques — dia nas almas. É sempre uma certa tristeza e apatia a saltar dos olhos e a contrastar com os lagos azuis do céu.

Papá Miguel, animador duma pequena comunidade cristã lá na ponta dum bairro, faz mais um caixão de tábuas velhas.

— *Acabaram as tábuas. Agora, só um luando para cobrir e enterrar os irmãos...* — disse com mágoa.

Falou a seguir do José — um pequeno de onze anos que ele tinha acolhido: — *Acostumado ao roubo e a andar por lá, não se habitua à nossa vida...*

José igual a tantos meninos que roubam para sobreviverem. Bocas de fome e olhos onde leio a ironia e troça de uma sociedade que despeja camionetas de maçãs nas praias desertas.

E há gente tão boa nessas comunidades consumistas! Pessoas que sofrem e se afligem ao verem o exagero duma produção que não se consome.

«*Já não passa de hoje*» — disse a Irmã Amélia ao tentar dar o leite a uma menina de dois anos — ossinhos e olhos com três quilos de peso.

20/10/93

A guerra é um cancro que vai comendo tudo: a carne e o sorriso das crianças, a sensibilidade dos adultos e o idealismo dos jovens.

Encontrámo-lo numa grande poça de água barrenta e mal cheirosa. De volta, crianças, jovens e alguns adultos — indiferentes e divertidos... «*Ele roubou*» — disse um.

O Ele, só com a cabeça de fora, bebia a água podre! Deveras impressionados, aproximámo-nos do pequeno lago. Fiz sinal e pedi que viesse. Ele, como acordando dum sonho, levantou-se a custo e veio cambaleando até mim. Amparámos até ao carro e fomos para casa. O Joaquim deu-lhe banho. O Mira foi por roupa. O Cachoar fez leite. Depois de comer, ele disse: «*Agora só queria dormir um pouco*». Dormiu a tarde inteira.

Fomos com ele ao hospital. O médico foi tão gentil e carinhoso! Ficou internado.

O pesadelo da tarde ficou lago tranquilo com estrelas reflectidas!

Padre Telmo



«Bombeirinho», «Pinteira» e «Flão»

Conferência de Paço de Sousa

ACUDIMOS — Aquele homem, por nós remetido à urgência dum hospital da capital do Norte (que o assistira oportunamente), regressou ao domicílio, após intervenção cirúrgica. Valeu a pena! Já tem outra cara. Outra disposição. Também feliz pelo carinho de que fora alvo na unidade hospitalar. «A operação demorou doze horas!» Repete: «Doze horas!» Não fosse assim, ele reconhece, «só em Janeiro entraria no bloco...» E remata: «Quando me curar desta, vou ter mais duas operações».

O caso vertente é sintomático: algumas vítimas de acidentes baixam à pobreza absoluta, à miséria — que se repercute na família: «A minha mulher está sem nada, em casa, pra nos dar de comer!» Fomos logo, à mercearia, abastecer a pequenina despesa. Para além do receituário que precisam, mulher e filha, da botica. Não falando, já, de um contencioso pendente sobre o aluguer da casa onde residem. Um mundo de carências!

DIREITO DE CIDADANIA

— Mora numa margem do Rio Sousa. Tem sofrido um longo calvário por doença incurável do marido e dos achaques que a pobre mulher tem, há muitos anos. São gente de fé viva. Seguem o Caminho que o Senhor recomendou. Muito se aprende com estes Pobres — ricos d'alma e de coração!

Noutros tempos, ela descontou o necessário para a Segurança Social. Por doença crónica, ainda tentou a reforma por invalidez. Agora, porém, que atingiu a idade, preenchamos a aplicação e requereu a dita por velhice.

Foi entregar os papéis, pelo seu pé, à delegação do CRSS. Percorreu todas as coxias — com nossa orientação. Marcou um direito de cidadania!

PARTILHA — O costume, do assinante 17258, de Baguim do Monte (Rio Tinto), «para a viúva».

Assinantes 16047 e 17597, de Turquel, duas vezes dez — para os nossos Pobres. Temos de parar, aqui, para lembrar a nossa D. Sofia — como aliás fazemos assiduamente — que doou a sua vida, até ao fim, na Casa do Gaiato de Paço de Sousa e por cujas mãos passaram muitas gerações de gaiatos. Foi a Mulher Forte — do Evangelho. Deus permita venham outras — com vocação específica — para este «santuário de almas».

Presença assídua, e muito amiga, do casal-assinante 11902, do Fundão. Agora, «referente à mensalidade de Outubro».

Aquela Amiga, do Porto, que nos visita assiduamente — há muitos anos — passa, de jacto, e deixa em nossas mãos cinco mil, com as intenções habituais. Deus registou no Livro da Vida.

A «partilha de Setembro e Outubro», «saudações fraternas e muita estima», de «Uma Assinante de Paço de Arcos». Há quantos anos!, louvado seja Deus.

Outra peregrina — assinante 14493, do Porto — «com toda a amizade por todos», traz «a contribuição do mês de Outubro para a Conferência do Santíssimo Nome de Jesus».

Um cheque, de três contos, da assinante 23311, de Setúbal, «para ajudar as famílias pobres». Idem, da assinante 29675, da Rua D. Manuel I, também de Setúbal.

Pelas CASAS DO GAIATO

Remanescente de contas, do assinante 2339, do Porto. A generosidade habitual da assinante 31104, de Lisboa, com um voto: «Deus proteja os meus entes queridos e, por suas almas, se digne aceitar esta minha oferta». Está nas Mãos da Providência Divina.

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes

PAÇO DE SOUSA

COPA — Terminou a sua reconstrução. Já está em funcionamento. Agora não há desculpa para louça suja... Temos uma copa em condições!

MUDANÇAS DE MESA

— Novos chefes, novas mesas! Sabe bem... Aproveitaram também para trocar a louça, por exemplo, os copos e as cântaras, substituídos por outros — de plástico. Os tabuleiros do pão, na mesma. Dão melhor aspecto ao refectório!

UM AGRADECIMENTO

— A todos(as) que nos ajudam e nos querem ajudar. Agora, especialmente dirigido ao Hipermercado Continente, pela oferta de muitas coisas que diariamente saboreamos, às sobremesas, pequenos-almoços, etc.

DESPORTO — A nossa equipa está de parabéns. Ganhámos todos os jogos realizados, com grandes goleadas. Neste fim-de-semana defrontámos uma equipa do Porto. Vencemos por 9-2. Um bom resultado. Agradecemos às equipas que jogaram connosco. E se houver mais grupos que queiram defrontar-nos, telefonem para o Lupricínio, (055)752285 ou, se preferirem escrever, para Grupo Desportivo da Casa do Gaiato, Paço de Sousa, 4560 Penafiel.

«Vitinho»

TOJAL

FUTEBOL — No dia 1, realizámos um jogo com antigos gaiatos. Não foi bom, mas também não foi mau: empatámos 3-3. No final, muitos gritos, aplausos e uma taça.

GADO — Na vacaria, as coisas correram mal: morreu um vitelo! Não sabemos porquê. Parece ter sido um descuido dos nossos vaqueiros. Nas pocilgas, as coisas vão bem, mas não há notícias de um leitão.

OBRAS — Não há muitas, apesar de estar quase tudo concluído. Só faltam a parte exterior da casa-mãe e o escri-

tório. A pouco e pouco a nossa Casa vai ficando mais bela, mais jovem.

ESCOLA — Houve férias para os que andam no Liceu, de 1 a 5 de Novembro. E os do Ensino Preparatório de 1 a 3 de Novembro — por causa das reuniões intercalares. Assim, em Casa poderão trabalhar no que for preciso.

VISITANTES — Recebemos algumas excursões, mas lá para o meio do tempo escolar virão mais. E muitas ofertas: brinquedos, roupa, comida e calçado.

IOGURTES — A Danone e a Vigor ainda não trouxeram os deliciosos iogurtes. Mas, com certeza, será durante o mês em curso.

Joaquim Miguel

MIRANDA DO CORVO

VISITAS — No domingo recebemos um pequeno grupo de Catequese, da Figueira da Foz. Percorreram a nossa Casa e gostaram muito. Na segunda-feira, um grupo de Figueiró dos Vinhos. Temos recebido poucas visitas. Esperamos que passe, por cá, mais gente a conviver connosco.

OBRAS — A nossa Casa continua em obras. O primeiro andar, e os médios, já têm as paredes pintadas. Os pedreiros andam a meter caleiras na parte nova. Na casa-mãe está quase tudo terminado. Colocaram os azulejos ao pé dos lavabos e ficou tudo muito bonito.

OFICINAS — Os serralheiros estão muito ocupados a pintar as caleiras. Também arranjaram a baliza que tinha tombado. Os carpinteiros estão na casa-mãe a arranjar as escadas, as janelas e a fazer outros trabalhos.

FRUTA — Os rapazes mais pequenos apanham a azeitona caída, mas algumas ainda estão verdes.

Temos comido pêras e maçãs que nos foram oferecidas. Mas ainda não colhemos parte da nossa fruta — que é sempre uma delícia!

Frederico

Associação dos Antigos Gaiatos do Norte

FESTA DE NATAL — A Direcção da Associação dos Antigos Gaiatos do Norte realizará a habitual Festa de Natal, destinada a todos os pequeninos até aos 10 anos, filhos ou netos de associados — e

mesmo não associados que pertencem à grande Família dos gaiatos.

A Casa do Gaiato tem estado sempre presente, através do apoio dos Padres da Rua que dão os brinquedos e as guloseimas distribuídas aos miúdos e, ainda, uma palavra amiga.

As Festas de Natal são a menina dos olhos da Casa do Gaiato. Verificamos a grande alegria dos nossos Padres no contacto com todos aqueles pequeninos, que mais não são que os rebentos da fecundidade da Obra da Rua e um hino de louvor a Pai Américo.

Como já se fez em 1992, a Festa será também realizada, este ano, em Paço de Sousa. Em boa hora se pensou assim, pois na anterior houve tanta afluência que, não fosse termos um salão grande como o da nossa Aldeia, decerto não caberiam todos. A Casa do Gaiato quer, assim, juntar todos os pequeninos, filhos e netos dos antigos gaiatos, com os «Bata-tinhas». Sendo esta uma forma de partilharmos o grande privilégio de continuarmos unidos à grande Família da Obra da Rua.

O grande convívio será em 19 de Dezembro (domingo), pelas 15 horas, em Paço de Sousa, com um programa aliciante: música, cantares de Natal, filmes e distribuição de brinquedos e guloseimas à pequenada.

Para sabermos o número de meninos e meninas presentes, solicitamos nos devolvos o impresso que enviaremos oportunamente, devidamente preenchido, até 30 de Novembro, indicando também se precisas de transporte.

Se conheceres algum antigo companheiro que não tenha conhecimento da Festa, ele que mande o nome dos filhos, pois queremos que ela seja de todos.

Fernando Marques

LAR DO PORTO

CONFERÊNCIA DE S. FRANCISCO DE ASSIS — Vimos dar notícias do casal Maria do Céu. Como nós, estão imensamente gratos pela contribuição dum senhora que remeteu um donativo para a compra do cilindro de 50 litros. Graças ao seu gesto, e com alguma ajuda da nossa parte, foi possível essa compra, incluindo a mão-de-obra da colocação por 39.750\$00.

A família está feliz, pois agora já não necessita de aquecer a água nem de tomar banho a frio. Os miúdos, esses, estão radiantes: não querem sair da banheira quando lá se encontram!

Com as próximas festas natalícias, esta foi como que uma prenda adiantada mas tão necessária! Alguém já disse que «o Natal deve ser todos os dias e não uma vez por ano».

demonstrada pelos nossos casais e filhos quando nesse dia merendam todos em conjunto e recebem as únicas prendas de Natal. Se tiverem algo que vos sobeje — um agasalho, um brinquedo, qualquer coisa que não vos faça falta — ofereçam aos Pobres para que nos seja possível realizar uma verdadeira festa. Na verdade e enquanto no mundo inteiro existem tantas crianças que não sabem o que fazer a tantos brinquedos, venham presenciar as expressões de felicidade destas crianças, à medida que abrem os presentes.

CAMPANHA TENHA O SEU POBRE — Assinante 3359, 2.000\$00; assinante 2400, oferta de 5.000\$00; M. M., para a renda da senhora idosa, 5.000\$00; anónima, 5.000\$00; assinante 30810, cheque de 20.000\$00; Adélia mandou roupas de vestir e de cama, fraldas para adultos, louças e panelas; Leonilde, 7.000\$00 e que tenha boa viagem para a Holanda; 10.000\$00, de Arminda, destinados à velhinha de 86 anos e à senhora Conceição, mãe solteira; assinante 5193, 2.000\$00 para a senhora Dália e para a mãe solteira; Adelaide, 16.000\$00; assinante 9708, um cheque de 5.000\$00. O nosso muito obrigado a todos vós. Bem haja e Deus vos ajude.

Casal vicentino

TRIBUNA DE COIMBRA

Um mal nefasto

TINHA acabado de regressar do peditório da Figueira da Foz. A notícia caíra, fulminante: «O Nuno fugiu!» Nessa tarde de domingo um grande grupo —romeiros de santuário vizinho — passara por cá. Nem lhes passa pela cabeça, o mal nefasto que a esmola faz aos nossos miúdos: cinquenta escudos a este, mais cinquenta àquele e, a alguns mais capciosos, duzentos... De longe, o Nuno roído pelas saudades da «avózinha» e embevecido pelo desejo de aventura, foi juntando; e mais juntando «por mãos amigas», até chegar pra dar o salto: a fuga.

Quando soube — que m'o perdoe o santo — roguei das boas a tais romeiros... Este «dar assim», não é devoção e mais valera que não fosse visto.

Dias antes, o Nuno, de quarta classe acabada de fazer por força dos seus «quinze» já espigados, pedira-me para lhe corrigir uma linda carta à sua avózinha. A cercadaria dela — pintada a cores fortes — bem tapava erros de palmatória. Mas, estava lá o seu coração pulsando forte: quem não cederia?

Falava das saudades sentidas; do gosto em estar cá; da sua obrigação no gado — na qual aprendia segredos lindos da natureza. Dizia do seu crescimento na responsabilidade e até da sua amizade para com a Mãe do Céu querida. Nem sequer ocultava — por palavras e modos — a experiência de adopção filial e fraterna aqui experimentada.

Fiquei desapontado. Eu sabia da sua fragilidade — conhecimento que exigiu muita paciência. Sentia-o pacato e até inocente demais para enfrentar, de novo, o «mundo» hostil que ele, em tempos, conhecera e o explorara. Não podia ficar descansado.

Pus-me em campo. Primeiro o Tribunal. Estavam em férias. Os processos são às centenas... Depois, a família. E, da família, quem? E eu próprio endureci os meus sentimentos: «Que volte, pois bem sabe o caminho por onde foi...»

O tempo ia passando. «Vi-o» algumas vezes entretido às portas do Pão de Açúcar onde os «antigos amigos» o procuravam... «Sonhei» com o seu regresso a casa a horas altas da noite, sem aviso de ninguém. De manhã o café estava frio e o leite das nossas vacas sobrava na sua tigela. Os companheiros de mesa ainda não tinham dado pela sua falta. Imagine-o a vender farturas às portas do Jardim Zoológico de Lisboa... E não me enganei. Era lá que ele andava com um tio pouco mais velho.

A sua ausência foi quebrando aquele meu sentir forte: «Que volte, bem sabe o seu caminho». Numa das minhas voltas a Lisboa, fui sobretudo por ele. Enquanto ia, ruminava que nunca mais voltaria a fazer isto por outro. Estava a correr alguns riscos... E se ele não quisesse voltar?...

Era já noite. Subi num rufo as escadas do prédio, ansioso. Num dos andares uma avó. Toco e... nada. Bato e lá de dentro: «Estamos sem luz; não há quem a pague...»; que subisse, pois era mais em cima. Era o quinto. O nosso reencontro foi breve e mudo. Cá dentro o coração rebentava. Nas lágrimas dele adivinhei que demorara tempo demais. Disse-lhe da Casa do Gaiato como a sua verdadeira casa. Ele consentiu e regressou, livremente. Respeito total.

Voltou. No meu regresso rezei baixinho orações que nunca aprendi nem serei capaz de voltar a repetir. O meu contentamento! Voltou à Casa! Como o tenho sentido feliz na carpintaria junto do Pedro Caldas, seu «irmão» mais velho, aqui também criado. Como desejo que o trabalho encha de fartura e sentido a sua vida! Assim ele o consinta. Deus quer!

Padre João

SETÚBAL

O trabalho é um pilar importante na formação de cada rapaz

O trabalho continua a ser um pilar importante na formação pessoal de cada rapaz. Sem ele não lhes podemos dar o sentido da justiça e da verdade. Todos eles, sem qualquer excepção, foram vítimas de injustiça e de mentira.

O próprio ambiente cultural onde muitos viveram os primeiros anos da sua vida era corroido pela mentira e pela injustiça. Farsa no próprio amor que os gerou e atropelo na esfera social envolvente que os agrediu, desde o nascimento. Quem está de fora é capaz de se doer do menino, mas não entende nada da tragédia que o atingiu logo na sua génese e quase sempre o acompanhou nos alvares do amanhecer. Daí que dar noções de verdade e de justiça se torna impossível a estas crianças, se a verdade e a justiça não forem obra das suas mãos, do seu coração, da sua inteligência e de toda a sua actividade, e se não se sentirem enleadas por estes valores fundamentais, e não experimentarem eles próprios o sabor desta fortaleza.

Toda a pedagogia das Casas do Gaiato assenta em experiência dolorosa e heróica de fracassos e êxitos, uma prova de sabedoria arrebatadora. Este é o nosso caminho. Não vemos outro. Não nos convencemos facilmente de outras estruturas. Aliás, ele assenta na Palavra Eterna ao homem caído: «Comerás o pão com o suor do teu rosto».

Todas as tentativas que se fizeram para levantar o homem decaído, sobretudo no período de crescimento — como é a adolescência e a juventude — estão votadas a rotundo fracasso, se não tiverem como base ensinar a trabalhar e oferecer o gosto do pão, fruto do suor do próprio rosto. Mesmo com as bênçãos da Igreja e apoio de formação espiritual na fé

crístã. Sem bases no trabalho, nascente única de Justiça, não é possível reequilibrar o homem. A experiência da Obra da Rua poderá ser valiosa se fosse tida em conta por quem na Igreja se quer dedicar aos caídos.

Este período de Todos os Santos é para nós um longo interregno de aulas. Por causa de reuniões dos professores e greves, a maior parte dos rapazes não têm aulas durante uma

semana inteira. A chuva impede trabalho fora de telha. A gente vê-se grego para ocupar válidamente os rapazes e descobrir trabalho que os prenda. Mas não desistimos nem inventamos ocupações inúteis, prejudiciais, ou de simples entretenimento.

Trazidos por amigo alemão a residir há longos anos em Portugal, passaram connosco uma tarde três jornalistas alemães. Viram parte das instalações e

observaram a laboração dos rapazes. Ficaram estupefactos. Nunca viram uma coisa assim em toda a Europa. De alemão só sei a palavra «*id*». O intérprete ia-me explicando, mas o entusiasmo dos visitantes era tal que me queriam comunicar directamente o seu espanto. Então, levantavam os braços e deixavam-nos cair, dizendo-me que «*em todo o mundo Casas destas têm sempre altos muros!*». Altos muros e muita ociosidade. Na pequenez da nossa vida vamos-nos convencendo ainda mais da certeza do caminho.

Padre Acílio

ÁFRICA

Continuação da página 1

somos assim: Povo de ímpetos mas de pouco fôlego. Não fora a teimosia *contra natura* dos governantes de então e ter-se-ia evitado a precipitação inconsciente dos governantes de depois. Dois erros somados a alicerçarem a tragédia em que se debate o cada vez menos feliz Povo angolano, Povo em vias de extinção se não for travada rapidamente a loucura dos homens.

Fomos, então, e não nos arrependemos. Tanto não, que voltámos mal as portas que nos tinham fechado se nos reabriram, agora numa oportunidade em que a prudência humana tem redobradas razões para nos aconselhar que não... Porém, não é por ela que nos orientamos.

Agora a gesta é comungar e minimizar quanto possível o martírio daquele Povo. Hoje mesmo se está carregando aqui um contentor com géneros que permitem a Padre Telmo e à Irmã Amélia e a outras almas consagradas ao Povo de Malanje, mitigar um pouco a sua fome. Dentro de dias, se Deus quiser, seguirá outro para Benguela, com dez mil litros de leite que a Tetrapack nos ofereceu e mais sete mil que procuramos adquirir. Gotas de água que não apagam o fogo que devora Angola, mas exprimem o amor sincero que une os nossos Povos.

É assim, em misto de sofrimento e de Esperança, que revivemos a alegria da nossa partida há trinta anos, ao longo dos quais se aprofundaram as raízes que nos prendem lá e que, apesar de todos os ventos que sopraram, ninguém conseguiu cortar.

Padre Carlos

VISTAS DE DENTRO

Vida a meia velocidade

Pelo telefone o Padre Manuel Cristóvão, da Casa do Gaiato de Lisboa, no Tojal, disse que a sua vida andava «a meia velocidade». Se eu pudesse vir até cá, ele iria descansar uns dias. Vim e ele foi.

Ao chegar, achei imensa graça quando contou com muita alegria e mostrou em ambas as mãos as chaves de dois apartamentos para estes dias. Foi a um Amigo buscar a chave e outro, que estava ao lado, entregou também a da casa que possui em povoação

perto. «*Temos muitos Amigos!*» — disse Padre Cristóvão todo sorridente.

Levou na carrinha a roupa de cama e os géneros para preparar as refeições. «*Nestas ocasiões eu gosto sempre de comer aquilo que preparo. Sabe-me muito melhor do que ir comer fora, a um restaurante.*» Faz, assim, vida caseira que o ajuda a descansar.

Logo no dia seguinte telefonou a perguntar por todos. Depois, pediu a relação dos rapazes para preparar um trabalho que traz em mãos. Regressou a Casa contente com o descanso que teve.

É assim a vida dos pais de família numerosa. Mesmo a «meia velocidade» não param. Tomam fôlego e seguem.

Casa de muitos mimos

A nossa Casa do Gaiato, do Tojal, é presenteada com

muitos, muitos mimos. Parece que não há armazéns, fábricas, empresas e famílias que não conheçam esta Casa. São roupas, é calçado, são mobílias, são todos os géneros de alimentação e doçaria, são os materiais mais diversos que há por este mundo. Tudo nos querem oferecer. São carros que chegam. É o telefone que chama e Manuel sempre a atender.

As duas carrinhas — e por vezes também a camioneta — andam num vai-vem constante, nas mãos de Abel e Luís, a transportar para nossa Casa e também a distribuir por outras famílias semelhantes à nossa. Pouco

depois dos veículos chegarem, o nosso telefone começa a chamar outras carrinhas que costumam vir buscar. Consolamos muito esta partilha connosco, e a nossa com os outros. Nada se perde!

Os nossos rapazes acolhem as pessoas com uma saudação e um sorriso. Mostram delicadeza na recepção. São capazes de oferecer o seu lugar e ficar de pé. Fica-lhes bem.

Que eles saibam sempre testemunhar, na vida, o carinho com que, agora, são rodeados. Que se não deixem perturbar com tantas e tão boas atenções!

Padre Horácio

Cinquenta milhões de Pobres na Comunidade Europeia

ESTA realidade, muito triste, foi reconhecida oficialmente pelos eurocratas: a tendência para uma maior pobreza (avaliada por um critério específico) dos países membros da CE, principalmente das respectivas Populações.

A notícia corre mundo. E, para nós outros, que temos escutado algumas razões de fundo desta calamidade (por exemplo, a rápida evolução tecnológica), não deixa de ser inquietante, como sinal contrário dos objectivos comunitários!

Há já cinquenta milhões de Pobres vivendo (ou procurando subsistir), em parte, da Caridade! Entre os quais — talvez — os mais de vinte e dois milhões de desempregados!

O quadro é tão grave, realmente, que o próprio Parlamento Europeu resolveu sugerir aos países membros que adoptem medidas urgentes para *aliviar* (sublinhado nosso) este problema — comum a todos eles, ainda que uns sofram mais do que outros.

Não vamos citar mais números e estatísticas, mas acentuar a fracassada previsão dos *experts*.

Para além de tudo isso que nos transcende, há um factor que — nem sempre! — está na mira de quem mexe com cifrões ou pormenores desenvolvimentistas: o Homem, a Família no seu todo...

Mal irá o Mundo — hoje uma *aldeia* — e quem o gere, se neste período de mudança, desprezar a segurança, a vida normal das Populações, especialmente as mais pobres.

Júlio Mendes



A serralharia da Casa do Gaiato de Moçambique

HOJE foi um dia calmo em nossa Casa. Manhã cedo, a Irmã, com uma dúzia de rapazes mais velhos, saíu a caminho da Moamba. Assistiram à Missa na paróquia, visitaram o Instituto de Artes e Ofícios dos Padres Salesianos, jogaram futebol. O nosso Samuel visitou a casa que já foi sua. Só encontrou a madrastra a vender bebida; o pai está a viver com outra. Veio desconsolado. Tristes raízes africanas para os nossos rapazes.

Saíram antes do meio-dia. No caminho, pararam para almoço. Sem dar conta de que estavam perto de um acampamento da Unomoz, foram abordados por dois polícias armados, que a custo se convenceram das intenções da paragem. Não sei o que fariam se fossem outras pessoas, dado não saberem distinguir um grupo de adolescentes acompanhados por uma senhora, de bandidos armados que volta e meia flagelam naquela área a quem passa de carro.

Tomaram o caminho da praia. Bem refrescados, antes do regresso houve tempo de nova paragem para avaliação da vida em nossa Casa e da caminhada de cada um.

MOÇAMBIQUE

Só uma prolongada acção educadora poderá refazer a alma deste Povo

Na Massaca, os cinquenta e poucos que ficaram, depois do café e casa arrumada, ensaiaram os cânticos para a Missa. Havia flores silvestres no altar. Muita participação de jovens e adultos da povoação. Até houve rivalidade nos cânticos. Os nossos em changana, eles em português. Não deu muito certo, porque a música europeia, mesmo adaptada ao batuque, não tem a mesma vibração na alma dos nativos. Além disso a frequência não tem sido firme. Mas a simpatia pelo nosso testemunho de fé vai aumentando. Não creio que estejam a faltar

nas outras dezasseis comunidades religiosas que há na Massaca. Dez mil pessoas é muita gente e nem mil praticam alguma religião. E se notamos com gosto que aumentam na nossa, entristece-nos dar conta que das duas centenas de pessoas com quem trabalhamos, muito poucos aparecem. Não fazemos proselitismo, mas estamos disponíveis de dia e de noite para os ajudar.

Quando, há tempos, fomos atacados à mão armada, às três da manhã, apesar da tristeza da tragédia que podia ter sido, experimentámos a alegria de ver como, imediatamente,

o povo correu a dar ajuda, perseguindo e capturando, até, um dos assaltantes.

Enquanto a guerra durou, houve paz na Aldeia. Não tínhamos o mínimo de segurança. De há pouco para cá, houve duas mortes violentas, além de vários roubos de vulto. Não é a fome, nem gente da Aldeia, mas grupos armados que vêm da cidade ou arredores. Por isso temos gente bem armada a defender-nos de noite. Não dormimos todavia por isso, mas porque o corpo o require. Esses acontecimentos, na cidade, são rotina. Nem há casas de Padres ou de Irmãs que os não tenham sofrido mais que uma vez. Aliás, o flagelo, que durante muito tempo se identificou com o estado de guerra, já acontecia mesmo em nome dela.

Só um Governo bem estruturado e de «mãos limpas», como agora se diz, poderá trazer a calma e tranquilidade. Só uma prolongada acção educadora poderá refazer a alma deste Povo.

Só com Deus mesmo e à Sua luz o mundo melhorará.

Padre José Maria

O NOSSO JORNAL

Continuação da página 1

já que o espaço do jornal exige contenção:

«Acabo de receber O GAIATO. Logo começo a lê-lo! Não sei que força me impele, mas tenho de lê-lo de imediato. 'Mundo desumanizado'!... Para essa senhora vai este cheque. Também sou viúva, para ela vai todo o meu coração, abraço-a ternamente no seu sofrimento! Sei o que é perder o nosso ente querido, sei o que é a nossa impotência, a nossa insegurança perante uma doença que não perdoa!»

«Também fui professora, mas, porque Deus nosso Pai me fez a graça duma aposentadoria melhor do que sempre esperei, acho que, na medida do possível, devo e quero repartir por quem tanto precisa. Também fiquei viúva aos 33 anos, com uma filha para

criar e dívidas que contrai para assistir a meu marido até ao seu fim. Nessa altura, e já lá vão 32 anos, muitas foram as portas, principalmente as oficiais, que se me fecharam. Parece-me que não mudou nada... Por isso, envio um cheque para colmatar o mais urgente dessa nossa irmã.»

E mais esta notazinha de «uma Assinante desde criança» — testemunho de almas abertas à comunhão:

«Como temos em casa conosco os meus sogros (92 e 93 anos) e uma irmã de minha sogra (90 anos) rodeados de carinho e conforto, dói-nos pensar nos que não têm onde se encostar.

Assim sendo, eu e meu marido enviamos esse pequeno cheque para uma ajuda à senhora em referência.»

E, já agora, não resisto a mais esta, reveladora de séria consciência da Justiça Social:

«Ainda há dias ao escrever-vos, eu disse que a vida não me tem corrido bem e é um facto. Mas, ao ler este artigo, sinto que o que escrevi nessa altura é uma blasfémia. Ao lado deste caso posso dizer que sou rica. Tenho mãe, marido, duas filhas atiladas, estudantes na Universidade. Portanto é fácil adivinhar a nossa total orientação para fazer face às despesas constantes. Mas, repito, com tudo isto até me posso sentir rica.»

É isto, pois, O GAIATO: um lugar de encontro quinzenal, onde aflições e a Esperança se temperam. Aflições que nunca faltam aonde o homem peregrino neste mundo; e a Esperança de que elas não são fatalidade que não possa superar-se se a

fraternidade universal que encheu a inteligência e o coração de Pai Américo estiver, embora em desigual medida, na inteligência e no coração de todos os homens.

Esta foi a sua grande lição, de que O GAIATO é um livro de horas. Graças a Deus que muitos vão entendendo e tomando as suas decisões, como este nosso ouvinte nas Igrejas do Porto:

«É bem verdade que o preço essencial do jornal é a nossa inquietação. As amargas realidades que ele nos traz e que no dia-a-dia atarefado não vemos, ou fazemos por não ver, não nos podem deixar indiferentes nem permitem que não fiquemos profundamente tocados. Irei tentar estar mais atento por mim próprio e continuarei a aproveitar os vossos alertas.»

Padre Carlos

Estendemos a mão mais longe

Os bebés já estão mais bonitos. Desde que começaram a comer a papa especial, as peles iam ficando lisas, os ossos cobertos de carne, os olhinhos saíam do buraco fundo, todos eles a respirar vida.

Todos os dias são postas três mesas. Uma para os gaiatos, outra para os que trabalham no campo, e a terceira para os bebés cujas mães têm os peitos secos e nada mais para dar a seus filhinhos. A estes se vem juntar mais um grupo numeroso de adultos e crianças que, à hora da refeição, se postam à porta da cozinha, com suas latas na mão, à espera da sopa quente ou prato de conduto.

No meio de tudo isto, o mais necessário é a paciência. Sofrer com os que sofrem, de cabeça erguida, serenidade no olhar, mansidão no rosto e suavidade nas palavras, é lançar a tábuca da salvação ao Povo que estende as mãos. Sim, é preciso muita paciência.

Ontem, quando fui à

BENGUELA

padaria buscar o pão para o fim-de-semana — não o podemos comprar mais que uma vez por semana, que é muito caro — dei com uma criança ao colo da mãe que me impressionou: só pele e osso. Estranhei. É que há as cozinhas comunitárias para crianças subnutridas em último grau, com quatro refeições diárias. Peguei na mãe e no bebé, imediatamente, e fui ao bairro onde ela morava. Resultado: a mãe antes quer andar por aqui e por acolá do que estar a horas no lugar das refeições. E perde-as.

O exercício da Caridade é um trabalho de paciência. Que não se pense de outro modo, pois em vez de se ganhar, pode perder-se a cabeça e o coração. Fazer Caridade é educar. É a arte de viver com paciência o ritmo da vida. Não é o mestre que está a falar. É, antes, o aprendiz que sabe o caminho, mas tropeça e cai muitas vezes.

Hoje é domingo. O Dia Mundial das Missões. Foram os nossos pequenos que animaram a celebração da Eucaristia na igreja local, apinhada de gente de todas as idades. Ainda não receberam o Baptismo, pois queremos que humanamente se preparem primeiro para que a Graça os agarre e conduza pela vida fora. Agora estão à beira-mar que a manhã está quente e a água apetece. Quero vê-los felizes a descarregar toda a electricidade armazenada em seu corpo na areia da praia e no esbracejar sobre as ondas para que a semana decorra calma, sem violência. Os traumas causados ao longo da sua história ainda curta, mas muito densa de acontecimentos dolorosos, não-de ser integrados na sua vida normal à custa de muito carinho e acompanhamento.

Nesta hora tremenda que Angola está a viver, estendemos a mão até mais longe

possível para que os caídos de agora não vejam os seus filhos na mesma situação. Por isso, a nossa Escola recebeu os filhos dos trabalhadores do campo e vai tratá-los em tudo como se fossem nossos filhos. É uma forma de colaborarmos efectivamente na reconstrução do tecido social. São dezenas de crianças que começam a olhar o futuro com esperança, num ambiente que não lhes fala de guerra, de fome, de miséria. Já temos as salas cheias de carteiras novas.

Ao dar por finda esta nota, eis que entram pela porta do escritório três pequenos com o avental de trabalho bem posto, a indagar das horas que são. A que propósito? São os cozinheiros do dia que, enquanto os outros foram para a praia, ficaram a preparar o almoço. A título de curiosidade digo que um tem dez anos e os dois têm onze cada. Mais: Vamos comer carne dos coelhos das nossas coelheiras que, felizmente, são mais pequenos que os cozinheiros de palmo e meio.

Padre Manuel António

ENCONTROS em Lisboa

Bairros de lata

VEIO a chuva. Os meios de comunicação falaram. A Televisão mostrou: Um bairro de lata não aguentou o embate das águas. Toda a gente viu aquela desorganização, falta de comodidade, não existência de caminhos, precárias construções e carências de tudo o que constitui o aconchego para uma vida humana. Faria a nossa sensibilidade ouvir aquelas mulheres, ainda novas, dizerem: — Há trinta anos que aqui estamos, já aqui nascemos e aqui tivemos os nossos filhos.

Este bairro que sofreu assim, e se foi abaixo com uma pequena intempérie, é dos mais pequenos da nossa capital. Muitos outros existem e de muito maiores dimensões. Aguarda-se ansiosamente o momento de ver desaparecer esta indignidade. Os planos custam a arrancar. Os invernos, os anos e as gerações vão passando sem que se encontrem soluções capazes de acabar, de vez, com esta afronta à dignidade humana.

Temos longa experiência das crianças geradas e criadas, nos primeiros tempos, nesse ambiente. Parece que a miséria se agarra às pessoas como a lapa à rocha e as acompanha pela vida além. Dificuldades de desenvolvimento normal, doenças adquiridas aí, falta de higiene, desorganização geral da vida, aprendizagem difícil, vontade afectada, falta de motivos para se lutar por uma vida digna. Os bairros de lata arruinam o que de mais importante tem uma Nação: as suas gentes. Chegam os desempregos, as doenças de envelhecimento precoce, as inaptações e tantas vezes a marginalização dos jovens.

As democracias, devido à necessidade de captar os votos dos eleitores, procuram fazer, por vezes, obras que encham o olho. Ficam por fazer aquelas obras que criam as condições melhores para um bom viver saudável das populações. As auto-estradas são necessárias, é verdade. Não seria muito mais importante ver as famílias reunidas sob um tecto digno? Os bairros sociais não dão muito nas vistas; não se consegue assegurar que os beneficiários votem em quem os mandou construir; é investimento muito caro... Ganharíamos tanto em humanidade! E a qualidade de vida seria tão diferente! Percebemos que as pessoas que vivem nos bairros de lata não têm nem poder económico nem prestígio e que se tornam, muitas vezes, um peso no Orçamento do Estado. Tira-se-lhes o direito a uma habitação condigna e gasta-se, depois, no médico, no hospital, no desemprego e nas reformas antecipadas.

Falta aos homens do Poder sensibilidade à dor humana. São conceitos que deixaram de fazer parte do vocabulário político e também do coração dos políticos.

Padre Manuel Cristóvão

PASSO A PASSO

«O amor ao dinheiro é a raiz de todos os males»

DINHEIRO e mentira costumam andar juntos. Isto mesmo sucedeu no passo protagonizado por dois dos nossos rapazes. Pois foi o «*queres dinheiro?*» que levou um a convidar outro para arrombar a caixa do dito, existente em nossa Capela. Esta caixa começou a existir, contra a nossa vontade, porque alguns dos visitantes insistiam em deixar dinheiro espalhado na Capela, ficando este a tentar a capacidade de resistência dos rapazes que, como é óbvio, em muitos casos, facilmente era quebrada.

Claro que este acto grave que cometeram, tem já seus antecedentes. E é aqui que importa centrar a nossa atenção. Se é certo que a sede do dinheiro destrói a vida de muita gente adulta e «bem» formada, não será de admirar que o poder que pertence ao dinheiro, consiga cativar e enganar gente miúda e indefesa, como os nossos. Aqui, em Paço de Sousa, há visitantes que gostam de «*ajudar*» os rapazes dando-lhes dinheiro para as mãos, sem olhar a quem. E são estas «*boas vontades*» do «*pega lá que é para ti!*», que estão por detrás do acto do arquitecto deste roubo. Tantas vezes

recebeu estes gestos de «*amor*», que um dia destes achou que poderia obter facilmente os meios para comprar a desejada lanterna com rádio, que se vende no quiosque ao lado. Depois, foi a mentira a defender o dinheiro e este a promover a mentira — unidade de interesses.

De facto, como diz S. Paulo, «*o amor ao dinheiro é a raiz de todos os males*». Não será isto de aplicar aos nossos rapazes, mas também este, é um amor que vai crescendo depois de ter brotado de um pequeno contacto. E, se absolutizado, torna-se dominador e senhor da vida do homem. Jesus Cristo apresenta-nos claramente a opção paradigmática com a qual todos nos confrontamos: «*Não podeis servir a Deus e ao dinheiro*», pois «*ninguém pode servir a dois senhores*».

Nós sabemos qual é o Senhor que queremos servir. A nossa opção é por Deus! E porque «*não há rapazes maus*» e acreditamos que estes agora em foco pelo passo negativo que deram, assumindo o respectivo castigo por eles próprios alvitado, juntamente com a nossa entrega e fé, confirmem as esperanças de que, embora mal-ajudados por alguns dos nossos visitantes, possam fazer-se homens verdadeiros e por isso filhos de Deus e não da mentira.

Padre Júlio



Director: Padre Carlos — Chefe de Redacção: Júlio Mendes
Redacção e Adm., fotocomp. e imp.: Casa do Gaiato — Paço de Sousa — 4560 Penafiel
Tel. (055) 752285 - FAX 753799 — Cont. 500788898 — Reg. D. G. C. S. 100398 — Depósito Legal 1239

Tiragem média, por edição, no mês de Outubro: 73.500 exemplares.